

<http://doi.org/10.7213/2318-8065.04.02.p118-121>

RESENHA (BOOK REVIEW)

PACHECO, Ronilso. Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito. Brasília/São Paulo: Novos Diálogos/Editora Recriar, 2019. 172p. ISBN: 979-65-80816-00-2.

Sopro necessário e urgente às igrejas e suas teologias

Necessary and urgent breath to churches and their theologies

Lucas Henrique Pereira Duarte*

As pessoas negras são maioria no Brasil. Nos últimos anos, observa-se o crescimento do número de pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas. Em 2001, representavam cerca de 45% da população brasileira, ao passo que, em 2015, 53% (IBGE-PNAD). Tal crescimento deve-se à luta histórica do movimento negro pela superação do racismo, que passa necessariamente pela valorização do ser negro neste país, combatendo as teorias eugenistas do século XIX, que ainda persistem em nossas estruturas sociais e negam afirmações como a de Jorge Ben: “Negro é lindo / Negro é amor / Negro é amigo / Negro também é / Filho de Deus”. (1971, faixa 6) O livro aqui resenhado está inserido nesse contexto de resgate, valorização e produção de conhecimento, como forma de (r)existência do ser negro. Pacheco oferece uma introdução à Teologia Negra que recolhe a sabedoria de mulheres e homens dispersos pela África e pelas Américas, unidos pela elaboração de um saber antirracista e anticolonial, como enfrentamento, superação das formas de saberes e poderes que negam a humanidade segundo a cor da pele, pela valorização da tradição negra na teologia.

Este livro é uma introdução à Teologia Negra. É por considerar que a Teologia Negra pode ajudar consideravelmente no nosso debate quanto aos legados da escravidão e as formas como opera o racismo ainda hoje, vitimando homens negros e mulheres negras e jovens negros – “que vivem o conflito de muitas vezes negar sua identidade, sua negritude, sua ancestralidade, e, algumas vezes deliberadamente sua cor, para conseguir se ver como parte de uma religião que o aceite totalmente” –, é que esse livro veio assumir um chamado e uma vocação. O racismo já nos fez, sutil ou declaradamente, negar muitas de nossas crenças e nos deixado sem referências para onde apontar. Mas este livro pretende contribuir para dizer que não estamos sozinhos, nem sozinhas. Nunca estivemos. Nossos passos vêm de longe. (p. 18)

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Teologia (PPGT), da Pontifícia Universidade Católica do Paraná vinculado à Escola de Educação e Humanidades. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de São Bento de São Paulo (2017) e graduação em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores (2016). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Pastoral e Direitos Humanos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2042-8998>. Contato: p.duarte@pucpr.edu.br.

O autor é Ronilso Pacheco, teólogo e pastor auxiliar na Comunidade Batista em São Gonçalo (RJ), ativista dos direitos humanos e colaborador de diversas organizações, igrejas e movimentos sociais. Ele é formado pela PUC-Rio e mestrando na Universidade de Columbia (EUA). É autor de *Ocupar, Resistir, Subverter: Igreja e teologia em tempos de racismo, violência e opressão* (2016), *Profetismo: Utopia & Insurgência* (2019) e organizador de *Jesus e os Direitos Humanos: porque o reino de Deus é justiça, paz e alegria* (2018), além de ter publicado inúmeros artigos em veículos *online*. Ou, nas palavras do professor Silvio Almeida, que prefacia a obra:

uma nova liderança, um homem fundamental para o diálogo com milhões de pessoas negras e pobres que tem o cristianismo como horizonte de mundo, mas que têm seus jovens filhos assassinados, compõe, o maior contingente de desempregados e miseráveis e são a grande maioria nos cárceres. (2019a, p. 11)

Pacheco propõe uma introdução à Teologia Negra como caminho didático, organizada em quatro capítulos. Partindo – no primeiro capítulo *sobre a teologia* – da centralidade do deserto para o surgimento da teologia como “linguagem sobre Deus contra os poderes centralizadores que se acham deuses” (p. 24) local onde a formação social é “libertária, plenamente comprometida com a liberdade e libertação” (p. 28). Afirmar o deserto como ponto de partida da teologia não encerra a questão. Pacheco considera também a teologia como espaço de disputa de sentido, que, em seu desenvolvimento histórico, prevaleceram contornos europeus, universais, hegemônicos, totalitários e violentos, tendo a razão moderna como expressão da negação de toda e qualquer alteridade, seja pela fé ou pela força. A noção teológica do autor está enraizada na tradição de James Cone, para quem a teologia é sobretudo antropologia, é um dos nomes eminentes da teologia negra e tem presença constante ao longo da obra. A última parte deste capítulo se desenvolve supondo a teologia como saber histórico e crítico e, por isso, segundo Pacheco, a teologia comporta diversas vozes, pertencendo “a todas e todos; e mais assertiva sobre Deus ela será, a quantas e quantos mais pertencer” (p. 41).

No segundo capítulo - *O sopro antirracista do Espírito* - Pacheco apresenta o surgimento da Teologia Negra para além de leituras contextuais, como um exercício hermenêutico, político, profético e necessário, pois “o racismo tornou-se insustentável no mundo, a ponto de ‘colonizar’ as formas de todo um povo acessar a Deus e se reconhecer nele como imagem e semelhança” (p. 54-55). Sem prescindir da resistência dos povos negros transportados para as Américas, Pacheco contextualiza brevemente o processo de surgimento da Teologia Negra pelo protagonismo de James Cone, a partir das lutas organizadas dos movimentos pelos Direitos Civis e o assassinato de Martin Luther King Jr, nos EUA, na década de 60; da luta pelo fim do apartheid, na África do Sul, na década de 70; e, igualmente, sua recepção no Brasil por Peter Nash e João Guilherme Biehl, na década de 90. De acordo com Pacheco, a Teologia Negra está caracterizada pela *territorialidade; afrocentricidade; ancestralidade e tradição; corporalidade; e cosmovisão dialogal e inclusiva*. Entendida, a partir de três chaves hermenêuticas: o Êxodo, na Teologia Negra, adquire corpo e voz, e Deus se apresenta e oferece libertação. *Pentecostes* se relaciona com a diáspora. O derramamento do Espírito é *vento impetuoso, anárquico, rebelde e plural*, que reúne os povos dispersos, gera pertença e ativa memória e ancestralidade. O Espírito é a “força necessária para subverter a diáspora em um poderoso movimento negro, e internacional, contra a escravidão e o colonialismo” (p. 86). A *Crucificação e Ressurreição do Filho* é central na Teologia Negra. Há uma identificação entre o Filho e o povo negro, como vítima dos poderosos, enquanto a ressurreição anuncia que a morte não tem a última palavra. Na historicidade da fé,

a última palavra não é do senhor que açoita, do Estado que criminaliza e encarcera, da fronteira que se fecha, do racismo que bloqueia caminhos. A última palavra é do Deus da vida. (...) Há

uma mensagem de esperança na ressurreição que inspirou o povo negro a assimilar que é possível lutar e vencer. (p. 89)

Em *Mapear a teologia negra: estes que tem alvoroçado o mundo*, Pacheco oferece uma grande contribuição ao estudo teológico contemporâneo, assumindo o desafio de apresentar nomes e obras de teólogas e teólogos ao redor do globo, por meio de cinco campos moldados pelo autor; e atestando a amplitude e diversidade da Teologia Negra evidenciada nas partes anteriores, a saber: *Teologia Negra Sistemática*, *Teologia Negra Política*; *Teologia Negra Womanist (Mulherista)*; *Teologia Negra Diaspórica*; e *Hermenêutica Bíblica Negra Feminista*. Entretanto, autoras e temáticas circulam livremente evidenciando especificidades e pontos de encontro. Destaque merece a contribuição das mulheres negras, como Cleusa Caldeira, que vem produzindo hermenêuticas a partir das vivências concretas afrofemininas, resgatando toda uma sabedoria ancestral capaz de desconstruir a centralidade branca.

O último capítulo - *Sobre uma possível teologia negra brasileira* - olha para o cenário brasileiro e indica pistas para a identificação e elaboração de uma teologia negra brasileira. Trata-se de uma proposta e aposta, como afirma o autor, que pode ser entendido como um chamado, uma convocação para a reconciliação, resistência e diálogo, até mesmo um manifesto aos teólogos e teólogas da raça negra, parafraseando Abdias Nascimento. (p. 142) Pacheco, primeiro, entende que uma teologia negra brasileira precisa se reconciliar com a África pelo esforço de misericórdia, compaixão e arrependimento, pois o cristianismo branco, racista, escravocrata e colonizador demonizou não apenas as religiões de matriz africana, mas toda a existência das pessoas negras brasileiras. Outro apontamento que o autor faz é para a experiência comunitária como chave hermenêutica para a teologia negra brasileira, trazendo o quilombo como conceito, que enseja uma prática de negação das estruturas opressoras, de construção de resistências coletivas que ameaça o estilo de vida dos opressores. Trata-se, pois, do quilombismo. E, como tal, não poderia deixar de observar a última e terceira proposta-aposta: a teologia negra brasileira precisa dialogar com os mais velhos, com homens e mulheres negras brasileiras referências do pensamento negro (*Griôts*), que estudaram a realidade brasileira através do racismo e escravidão. Pacheco sugere nomes como Clovis Moura, Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez, Muniz Sodré, Abdias Nascimento e Conceição Evaristo, porém o próprio autor reconhece muitos outros e conclui que é impossível teologizar sem levar em conta o Brasil e a contribuição desses pensadores. Uma experiência pessoal do autor com James Cone e Cornel West encerra o livro, deixando o questionamento sobre a necessidade da superação de estruturas, leituras e teologias da igreja branca para a erradicação do racismo.

O texto de Pacheco é uma verdadeira viagem pela teologia, e um mergulho na teologia negra; em cada página é possível perceber o sopro antirracista sugerido pelo subtítulo. Trata-se de um estudo profundo com a leveza própria do Espírito, que pedagogicamente caminha com quem lê. Porém não esconde a acidez que o tema exige. Pacheco oferece uma contribuição enorme às igrejas, suas lideranças, seus membros, células e grupos de base para pensar o racismo nosso de cada dia que ainda sobrevive individual, institucional e estruturalmente (ALMEIDA, 2019b, p. 25-37), além de corroborar o reestabelecimento do corpo e do espírito negro vítima da ascese branca, que nos absorve e coopta pelo embranquecimento (NASCIMENTO, 2019, p. 134) de nossas histórias, igrejas e teologias. Podemos afirmar que não significa apenas um texto introdutório de teologia, mas um convite a teologizar a partir da pneumatológica luta antirracista, um convite à ação. O texto é profundo e simples, de leitura fácil e direcionado a um público amplo, de curiosos à pesquisadores, de comunidades religiosas à militantes. Acredito ser de muita valia para os cursos de graduação em teologia, em que pouco se fala de teologia negra no Brasil e pouco se estudam teólogos e teólogas negras. No meu caso particular, se não fosse a Pastoral Afro da comunidade em que cresci, jamais saberia valorizar a experiência religiosa de nossos

ancestrais, pois na graduação essa foi uma temática que passou ao largo. A obra de Pacheco vem suprir essa lacuna na formação teológica brasileira, sendo um subsídio imprescindível, nos convocando a águas mais profundadas, conduzidas pelo Espírito.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Prefácio**. In: PACHECO, Ronilso. Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Editora Recriar, 2019a, p. 7-11.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019b.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001-2015**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/262>. Acesso 09 jul., 2020.

JORGE BEN. **Negro é lindo**. Rio de Janeiro: Universal Music International, 1971. Disponível em: <https://youtu.be/h1rjprxPD1k>. Acesso 10 jul., 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **Cristo Negro: Atentado à Religião Católica. O quilombismo**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Perspectiva/lpeafro, 2019.

PACHECO, Ronilso. **Ocupar, Resistir, subverter: Igreja e teologia em tempos de racismo, violência e opressão**. Brasília: Novos Diálogos; 2016.

PACHECO, Ronilso (org.). **Jesus e os Direitos Humanos: porque o reino de Deus é justiça, paz e alegria**. São Paulo: Instituto Vladmir Herzog, 2018.

PACHECO, Ronilso. **Profetismo: utopia e insurgência**. São Paulo: Recriar, 2019.

Recebido em 15/06/2020

Aceito em 10/07/2020

Received 06/15/2020

Approved 07/10/2020